

Ensaio-Heidegger. Apontamentos para “Kant e o problema da metafísica” de Heidegger

[Konvolut 100, box 42, folder 837] *ECN 17, 2014

Ernst Cassirer

Adriano Ricardo Mergulhão¹

Instituto Federal de São Paulo/Catanduva (Catanduva, Brasil)

DOI: 10.5380/sk.v20i2.90848

[p.77]

I) Kant e a metafísica

De onde fica estabelecido que a pergunta não quer calar?

Kant é meramente o crítico da razão e com isso o crítico do conhecimento?

Ele é um lógico ou um metafísico?

Ele é o coveiro da metafísica – ou o novo fundador de uma metafísica?

Cada época respondeu acerca disso de forma diferente –

Riehl – cf. meu artigo “Neokantismus”

Dedução subjetiva ou objetiva – Heidegger novamente põe-se resoluto no solo da dedução objetiva [...] –

A violência – mas ele decide-se a esta violência –

Ele deseja transportar novamente o problema de Kant para o próprio solo originário – E esse solo é o solo subjetivo – a ontologia-fundamental como ontologia do homem – vide...

II) A partir desta tomada de posição: a finitude como problema central vide folha

“Finitude”

[p.78] 2) Mas próxima da determinação da finitude – não como expressão de quaisquer “imperfeições” [=] cf. último capítulo [...] mas, sim, que ele precisa fundamentar-se na essência do homem – e isso significa, em seu modo de conhecer [*Erkenntnisart.*] [...]

a) intuitus originarius e derivativus – Objeto como defrontar-se a [*Gegenüber-stehen*]

b) Intuição e Entendimento Dependência da intuição “Atividade” do entendimento

c) Papel central da imaginação

d) Papel central do esquematismo.

¹ adriano.mergulhao@ifsp.edu.br

III) Para a crítica deste ponto de vista –

Para concordar completamente com a doutrina do conhecimento de Kant = teoria da experiência positiva

Supressão [*Aufhebung*] do dualismo

Certamente também que este dualismo não pode ser dominado a partir da lógica

Espaço e Tempo sem categorias –

Problema da representação cf. Filo[sófia] d[as] f[ormas] simbó[licas vol.] III. Heidegger distingue, através disso, que nem “toda” Representação [*Repraesentation*] singular sobre o tempo pode ser reconduzida – Exposição do espaço etc.

Representação em geral – não somente representação temporal.

IV) Doutrina das ideias – Dialética – Razão

Aqui o critério de Heidegger recusa –

Finitude e Infinitude = Ideia da Experiência

[p.79] Disposição afetiva [*Stimmung*]

Corroborar a angústia ou esclarecer

Apenas o corpo [*Körper*]

Estilo

A escuridão do “abismo” do “Nada”

Confrontação [*Gegenüberstellung*]

O estilo de Heidegger não provém de um defeito obscuro – menos ainda porque ele procura a escuridão [;] este estilo é muito mais do Homem – ele traja a verde conforme a cor do seu temperamento[.] Kant penetra no mais profundo – mas ele ainda permanece “Iluminista” [*Aufklärer*] nesta profundidade[.] o provedor de luz [*Licht-Spender*]. A filosofia de Heidegger nos deseja prover a escuridão – deixemo-nos conhecer o abismo [,] cf. sua definição[da metafísica:].

Metafísica de Kant – a doutrina dos primeiros princípios do conhecimento hu[mano].[;]
Heidegger – Doutrina do -Nada- da nadificação[.]

Aqui nenhuma “comparação” [*Vergleich*] é possível

Caráter temporal

Razão e Tempo

Reconhecimento *δεῖ ὅτι*.

A exposição de Heidegger fornece um fragmento [*Stück*]- Teoria do conhecimento [.]

V) Kant recuou perante a “finitude da razão”?

Este é um simples esclarecimento!

“Esclarecimento” [“*Aufklärung*”] não é um defeito profundo, mas, sim, um temor perante a profundidade do abismo – *Homo liber...*etc (Problema da morte!)

[p.80]

VI) Resposta para a pergunta de Kant e a Metafísica

A doutrina de Kant contém uma correlação in[dissolúvel] entre ambos os momentos –

O homem é a essência, na qual o conhecimento objetivo e a ideia objetiva estão aptos.

Cf.

Universal

Para a “disposição do caráter” [*Stimmungscharakter*]

Heidegger mergulhou com real profundidade de pensamento no sistema kantiano e como que o perfurou – mas ele não se alçou com o mesmo sucesso na livre e iluminada altitude [Höre] deste sistema [.] E então, o poder [Gewalt] do sistema de Kant depende desta ligação entre o profundo e a altitude. [.] Sobre a liberdade da circunvisão [Überschau] junto às raízes em um frutífero *Bathos* da experiência [.] De modo algum a maior altitude [Höhere], porém:

- também o estilo – o quarto iluminado

uma terrível apatia de Heidegger

204: não se trata do que Kant disse, mas, sim, do que sucedeu em sua fundamentação! Certamente - porém, nossa objeção parte disto, que na fundamentação de Kant ocorreu muito mais do que Heidegger mostra – ela reúne o “movimento” de modo muito estreito – e disto resulta o “recuo” [“*Zurückweichen*”]. [.]

Caráter estilístico de Heidegger

“Obscuridade” [*Dunkelheit*]

Vide a segunda documentação, p.ex. 218

“O homem não poderia ser lançado como um ser próprio, se ele não pudesse como tal deixar-se levar” etc (218) etc[.] 219: [“] No fundamento da compreensão de ser, o homem é o aí [Da], etc.

[p.81][Concepção] geral da filosofia para Heidegger.

sempre o próprio finito, nunca poderá tornar-se “absoluto”

227: [“] O renovado sentido da finitude não pode fracassar através de um jogo mútuo de equilíbrio de pontos de vista medianos, a fim de desembarcar então em um conhecimento absoluto – [“] permanece, pelo contrário, apenas a elaboração da problemática da finitude como tal[“] – através de um compromisso [*Einsatz*] [“]o qual nunca pode ser reivindicado como o único possível[“] – O que é afirmado aqui é somente que o compromisso de Kant é diferente do heideggeriano [.] que ele é essencialmente e diferentemente dirigido e re-fletido [*ge-sinnt*] em determinações fundamentais [*Grundbestimmungen*]

A preferência fundamental do livro de Heidegger não se mantém periféricamente, mas, sim, mantém olhar fixo, dirigido para o problema central da metafísica como ontologia-fundamental – que ele introduz em meio à guerra de gigantes [*Gigantomachia*] em torno do ser [.] cf. 230! [.] mas ele permanece nesta guerra de gigantes de modo diferente de Kant [.]

Finitude

como problema fundamental de toda a interpretação heideggeriana

208: [“] A fundamentação da meta[física] baseia-se na questão pela fin[itude] no homem[”]

209: [“]Neste prob[lema] fundamental da necessidade da questão pela finitude no homem, segundo a intenção de trazer à luz uma fundamentação da metafísica, foi mencionada a interpretação da C. R. P.[”]!

Isto permaneceu no ponto central da interpretação[.]

212: [“] a conexão essencial entre o ser como tal (não o ente) e a finitude no homem precisa ser alçada à luz [“]

222: nesta ontologia-fundamental[“] O conteúdo deste título é o problema da finitude no homem, com a intenção da possibilidade da compreensão de ser como o decisivo conteúdo [eingeschlossen] [”]

De modo algum “teoria do conhecimento” (221)

[p.82]Esquematismo

Heidegger continua com a insistência sobre a dependência [Angewiesenheit] do pensamento sobre a intuição - o pensar tem somente uma função oficial [Dienststellung] - é pura e simplesmente dependente da int[uição] [.] cf. por ex. B; S. 140 - mas isto é realmente certo? - Como “formas” lógicas, as categorias são, como Kant repetidamente acentua, inteiramente independentes - elas necessitam dos sentidos, “de maneira alguma da intuição” [.] cf. C.R.P. . Para que elas precisam então da intuição? - Onde elas necessariamente estão [?] Para a construção da experiência - do objeto empírico, da “natureza” [.] Porém, ao lado disto está toda a função independente na qual elas constroem o reino do “inteligível”: aqui elas não podem ser “restringidas” ao esquema [.]

Assim posto, isto também é equivocado quando Heidegger quer alargar [ausdehnen] o “caráter da imaginação” por sobre a razão pura. (144)

A afirmação de que a toda razão seja acrescentada uma receptividade pura (146);

Apenas na construção empírica da experiência [-] = mundo fenomênico [Erscheinungswelt] o entendimento é autoprodutivo e reúne-se a ele (ao mundo fenomênico) no domínio da razão (da ideia), mas o pensar é absolutamente espontâneo. A ideia da liberdade contém uma espontaneidade absoluta. A ideia ultrapassa a experiência. [-] cf. nota a lápis na p.146 [-] aqui começa então a verdadeira transcendência, a qual Heidegger tem obstruído, porque ele nomeia o objeto transcendental, empírico-fenomenal.

Heidegger é, basicamente, - Empirista, ao invés de “Idealista”

Imaginação

[“] A síntese como tal não é nem algo [Sache] da intuição nem do pensar [Denken]. Ela [a síntese] possui, igualmente, uma conciliação entre ambos, um parentesco [Verwandtschaft] com ambos. Ela é [“] um simples efeito da imaginação[.] fun[ção] cega, embora impres[cindível] da alma, sem a qual nunca teríamos conhec[imento] algum [.] (A78, Heidegger 57) [“] A síntese pura trata-se da sinopse pura na intuição pura e igualmente refletora pura [rein reflektierende] no pensamento puro[”] (58) [p.83] [.] Isto quer dizer, [“]O nosso pensamento puro sempre colocou perante ela o tempo concernido [angehende Zeit]. [”] (57).

A síntese pura, portanto, não recai [zu fällt] nem à intuição pura nem ao pensamento

puro. O esclarecimento [*Erhellung*] de sua origem, portanto, não pode estar nem na *Estética Transcendental* nem na *Lógica Transcendental*.[“] Analoga[mente], a categoria não é um prob[lema] nem da *Estética Transcendental* nem da *Lógica Transcendental*.

- N.b. [nota bene]: Cohen sempre acentuou isso reiteradamente, que esse juízo [*Einsicht*] se volta inteiramente para o lado objetivo (Unidade dos princípios fundamentais como condição fundamental da ciência natural matemática).

Aqui também uma completa concordância –, porém, logo há um retrocesso para o polo contrário, o polo da “Dedução Subjetiva”.

Neste ponto, Heidegger volta-se expressamente contra a “tendência” [*“neigung”*] de se tomar a C.R.P. como *Lógica da Razão Pura*. (61) Então, evidentemente, os múltiplos domínios da lógica poderiam ser, na C.R.P.: a interpretação precisa interpenetrar [*durchdringen*] até o “traço [*Zug*] interior da problemática”.

[“] Toda síntese é obtida a partir da imaginação, logo, a apercepção transcendental é intrinsecamente [*wesenhaft*] relacionada sobre a imaginação pura. Isto pode ser representado como algo puro, não como algo empírico-predeterminado [*Vorgegebenes*], o qual, defronte a ela [a imaginação], seria meramente reprodutivo, porém, ela é imagética [*bildend*] a priori, isto quer dizer, puramente produtiva [*reine produktiv*]. (74)

A imaginação pura relaciona-se intrinsecamente com o tempo (vide acima) e revela-se como intermediária entre a apercepção transcendental e o tempo.

A primeira de todas as relações [*Verhältnisse*] do poder imagético [*bildende Kraft*] é a imaginação pura. (77) O conhecimento puro irrompe [*aufbricht*] [do poder imagético] para um ente finito como a primeira condição do espaço de jogo, no qual “se realiza toda relação do ser ou do não ser” e precisa, por conseguinte, denominar-se ontológico. (79)

[p.84] O “entendimento” agora infere sua “primazia e exprime a si mesmo, em sua essência, através desta renúncia [*Aufgeben*], a qual está situada nisto, que a síntese pura da imaginação transcendental precisa, para se fundamentar, estar situada sobre o tempo.”

(79) “O horizonte transcendental só pode se formar em uma frequência sensível, [*Versinnlichung bilden*]” (85) (portanto, somente o Ser – fenômeno dado [*Phaenomenon ergeben*] cf. Heidegger 111: “Possibilidade da experiência é sinônimo de transcendência”!), a pura imagem de todos os objetos em geral é, contudo, o tempo, vide acima.

Doutrina do esquematismo como etapa [*Stadium*] decisiva da fundamentação da “*Methaphysica generalis*” (105); o capítulo do esquematismo conduz “com uma segurança inaudita para o núcleo de toda problemática da C.R.P.” (107).

Característica da Imagem

“A não vinculação para com o ente – ela é livre de resistência na recepção [*Hinnehmen*] da visada [*Anblicken*], isto é, ela é a faculdade [*Vermögen*] que se dá a si própria de determinado modo”. (121) “Este poder formativo [*bildende Kräfte*] é sobretudo uma receptividade [*Hinnnehmendes*] (receptiva) e um “formar” [*Bilden*] criativo [*Schaffendes*] (espontâneo). Sobre tudo, neste [poder formativo] está situado a verdadeira essência de sua estrutura.” (121).

A espontaneidade contém então um caráter intuitivo, ela é o *subjectio sub aspectum* – *exhibitio originaria* – porém, esta não é tão criadora [*Shöpferisch*] quanto a *exhibitio originaria*. –

Nesta *exhibitio originaria* intitula-se a imaginação produtiva (123); esta imaginação produtiva nunca se refere à formação de objetos, mas, sim, a pura visada [*Anblick*] para a objetividade em geral. “Ela é livre de experiência, a experiência é, antes de tudo, a possibilitadora da pura imaginação produtiva” (125); a imaginação transcendental é a raiz de ambos os troncos [-] a intuição pura e o entendimento puro são reconduzidos para a imaginação transcendental. (131)

Mas existe um problema se, através de uma tal redução da faculdade do entendimento da essência finita sobre a imaginação, a mera imaginação não é rebaixada em direção a todo entendimento [p.85] ou se a essência do homem não se desfaz em uma aparência [*Schein*].

Porém, é para se contrapor [*entgegenzusetzen*] que “aquele horizonte dos objetos é construído na imaginação transcendental - a compreensão de Ser - em geral, inicialmente torna algo possível como uma distinção entre a verdade ôntica e a aparência ôntica” (131).

A interpretação da intuição pura só é possível por conta disso, segundo aquele fora [*aus*] da imaginação pura (cf. S. 134ff. 143). “Isto é tão insustentável que Espaço e Tempo, enquanto categorias, no sentido da interpretação de “Marburgo”, são mantidas em sentido lógico a fim de se dissolver [*aufzulösen*] a *estética transcendental* na lógica, então, está correto “que a *estética transcendental*, tomada em si mesma, não pode ser a totalidade, pois nela está situada a possibilidade para a conclusão.” (138)

Também “a aparente realização própria [*Eigenleistung*] do entendimento puro ao pensar a unidade é como um representar formador espontâneo [*als spontan bildendes Vorstellen*], um puro ato fundamental [*Grundakt*] da “imaginação transcendental” (143)

O pensar originário é o “puro imaginar”. (144)

Todavia, “Kant recuou diante desta “raiz desconhecida” [*Unbekannten Wurzel*] - na segunda edição da C.R.P. a imaginação transcendental é desviada e reinterpretada [*umgedeutet*] - em favor do entendimento”. (153)

Esta é a censura de todos estes, os quais acentuam a dedução “subjética” ao custo da “objetiva” - o próprio Kant, a fim de ir contra uma falsa interpretação [*Missdeutung*] do idealismo psicológico-antropológico, colocou o peso, em sua segunda edição, na parte objetiva de seu problema - mas ele não renegou, com isso, de modo algum, os resultados da dedução subjética. A dedução subjética e a dedução objetiva são, acima de tudo, correlatas. - Kant, com razão, voltou-se contra isso [p.86] na segunda edição, somente uma acentuada modificação [*Accentverschiebung*] - a subjeticidade transcendental não suporta acentuada modificação. - Isto também se mostra no exemplo de Schopenhauer, o qual, precisamente através desta (subjeticidade transcendental), é impelido novamente por sobre os trilhos do idealismo psicológico. E também a interpretação de Heidegger permanece unilateral “antropológica”. A verdadeira interpretação transcendental encontra a essência da “subjeticidade” precisamente na “razão” e na completa objetividade do espírito “objetivo”. Heidegger também reconhece (157) que a dedução transcendental seja, em si, necessariamente e simultaneamente subjética-objetiva. Pois é a descoberta da “transcendência”, a qual forma primeiramente, para uma subjeticidade intrinsecamente finita, uma doação para uma objetividade em geral. Não foi somente para Heidegger em particular “que a imaginação transcendental o amedrontou, mas, sim, que a razão pura enquanto razão vacilou [*Schwanken*] ainda mais fortemente em seu encanto [*Bann*]”. (159) Contudo, não há aqui nenhuma prova para um vacilo no comportamento de Kant: ele sempre foi “newtoniano” e sempre um ético “objetivo”!

Na segunda edição Kant decidiu-se “pela razão pura contra a imaginação pura, a fim de salvar [retten] o domínio da razão.” (161) Todavia, o domínio da razão havia sido, alguma

vez, para Kant, apresentado e contestado?

Eu creio que não!

Imaginação

Posição central – fazer esta acentuação é o mérito decisivo de Heidegger – aqui estou plenamente de acordo com ele – do mesmo modo, principalmente nas pp. 125 – ver também a F.F.S. vol III – assim, com certeza, a interpretação dele se movimenta “como que em direção oposta” àquela do idealismo alemão, cf. anotação p.130.

A imaginação transcendental como raiz de ambos os troncos: cf. 130.

A Estética “tem apenas um caráter preparatório e pode ser propriamente lida, na verdade, segundo a perspectiva do esquematismo” (137) [p.87], contra os Marburgenses 137f.

Isto é correto!

140: O que Heidegger nomeia como o “caráter primário da representação [*primären Vorstellungs-Charakter*] (= caráter da apresentação [*Darstellungcharakter*]) do pensar – a isto eu intitulo como caráter-do-Símbolo [*Symbol-charakter*]. A necessidade sob o signo sensível [*sinnlich Zeichen*].

Finitude

Para Kant, portanto, o caráter da “finitude” se expressa somente no Objeto – conhecimento como conhecimento fenomenal [*Erkenntnis as phänomenaler Erkenntnis*], não no conhecimento do eu = conhecimento do noumênico [*noumenaler Erkenntnis*], ideia da Liberdade. Assim, também o posicionamento acerca do problema da morte de modo totalmente outro do que em Heidegger –, pois somente o homem empírico (o homem enquanto fenômeno) falece. – o homem noumenal, o homem da Liberdade, é “imortal” [*unsterblich*] – isto é realmente apenas um desvio, um passo atrás perante o abismo do “nada”, segundo pensa Heidegger – então toda a filosofia seria um tal desvanecer [*Zurückschrenken*] – Platão – filosofar é aprender a morrer – Espinosa: *homo liber de nihilo minus quam de morte cogitat* [o homem livre não pensa em nada menos que a morte] – Kant – imortalidade [*unsterblichkeit*].

A filosofia como elevação no reino das ideias – de modo algum é um ver-se perante [*Vorbeisehen*] o fenômeno da morte – como Reino da Eternidade [*Ewigkeit*].

É totalmente arbitrário que Heidegger queira impedir isso.

Cf. 139: a sensibilidade se intitula tanto como “intuição finita”, igualmente p.23ss – Mas onde isso se encontra em Kant? Ou, pelo contrário: ela desempenha o mesmo papel que é desempenhado segundo Heidegger? A sentença de que a transcendência enquanto tal é sensível *a priori* (Heidegger 164) é incorreta nesta versão – isso vale justamente apenas para a transcendência teórica – para o objeto [*Gegenstand*] enquanto objeto [*Objekt*], não para a transcendência da liberdade (Reino dos fins).

[p.88] Ela (a transcendência) não é sensível – ela é, pelo contrário, como Kant acentuou cada vez mais, em princípio, suprassensível [*übersinnlich*].

Suprime-se [*Streicht man*] o conceito de suprassensível, então suprime-se toda a metafísica kantiana. [-] e Heidegger faz precisamente isto, ele é Empirista!

Aqui reina também a lei do Tempo – mas o suprassensível é simultaneamente o supratemporal [*Über-Zeitliche*].

Esquematismo (=imaginação)

Segundo Kant, como resposta para a questão acerca do conhecimento objetivo – o conhecimento natural [*naturerkenntnis*] como uma fração [*Stück*] da “teoria do conhecimento” kantiana, mas, justamente, não como uma fração da doutrina kantiana do homem. –

Onde nós esquematizamos, nós decalcamos [*Stempeln*] o objeto deste conhecimento esquematizado e com isso, ao objeto no fenômeno [*Erscheinung*] – porém, o “homem” não é, segundo Kant, dado em si mesmo como mero fenômeno – na verdade, nós mesmos recolhemos apenas a forma do tempo, como a forma do “sentido interno” [*inneren Sinnes*] – mas nós não somos nenhum mero Objeto [*Gegenstand*], “Objeto” [*Objekt*] do sentido interno – mas, sim, o legítimo “si mesmo” [*Selbst*] que é o si mesmo noumenal [*noumenales Selbst*]. Este si mesmo noumenal pertence ao mundo inteligível – e aqui não há nenhuma esquematização. A ideia da Liberdade não se deixa esquematizar [-] aqui o esquematismo seria conduzido ao místico – sonhos íntimos [*Hinneinträumen*]. Aqui existe apenas uma típica [*Typik*] da Razão prática pura – existe um conhecer [*Erkennen*] não objetivo [*nicht-gegenständliches*] – onde o conhecido [*Erkannte*] não é um mero objetar [*Gegenstehen*] e não é nenhum mero objeto – e, neste conhecer não objetivante [*nicht-gegenständlichen Erkennen*], abre-se primeiramente a “essência” do “eu”, pois o eu não pertence ao mero mundo das coisas [*Sachwelt*]; é o indivíduo [*es ist Person*]. – O conhecimento dos indivíduos é conhecimento não figurado, não esquematizado. Conhecimento-de-algo [*Sach-Erkentnis*], Conhecimento da coisa [*Ding Erkenntnis*], é conhecimento esquematizado – Conhecimento individual [*Personale Erkenntnis*] é conhecimento infinito, conhecimento-de-algo é conhecimento finito. Isolado nestes últimos, existe algo como a morte. O eu (enquanto noumeno) não morre.

[p.89] Humanidade (finitude) da Razão

Cf. 19 “A fonte básica [*Quellgrund*] para a fundamentação da metafísica é a razão pura humana, de modo que, precisamente, a humanidade se torna essencial para o núcleo desta problemática [...] Esta finitude [...] está situada na essência construtiva [*Wesenbau*] do próprio conhecimento.

“Conhecer é primariamente intuir”, todo julgar [*Urteilen*] tem simplesmente uma função [*Dienststellung*] para a intuição.

Através da ligação para com a intuição, a qual é necessária para o conhecimento humano, este se torna, desde o princípio, conhecimento finito. 21 (diferentemente do conhecimento divino ou de um outro espírito superior).

Retirada [*Abhebung*] contra o “intuitus originarius”

“O pensar como tal já é, portanto, o selo [*Siegel*] da finitude.” 22 O conhecimento finito enquanto não criador, mas, sim, como conhecimento acolhido [*Hinnehmende*].

Intuitus derivativus

“O caráter da finitude da intuição está situado, portanto, na receptividade” - > ao menos para nós humanos <

Por isso, toda intuição é sensível. “Kant obteve primeiramente o ontológico, o conceito não sensível [*nicht-sensualistischen*] da sensibilidade”.

Para o entendimento, pertence à sua essência a circularidade [*Umwegigkeit*], (Discursividade) o mais profundo *index* de sua finitude. (26)

28 pp. (especialmente 31) A diferenciação entre aparência [*Erscheinung*] e coisa

[*Ding*] em si em geral só se torna compreensível junto à expressa fundamentação inicial da problemática da essência da finitude (pois o que o entendimento reconhece somente como “aparência” significa justamente que ele é *intuitus derivativus*, o ente não comporta [*hin-nimmt*] o *intuitus originarius*, o qual conhece aquilo que ele cria.

34 p. Por outro lado, exige-se “que o conhecimento finito do ente, para sua própria possibilidade, seja o conhecimento de algo não recebido [*nicht-hinnehmendes*] (um aparente não finito [*scheinbar nicht-endliches*]), tal qual uma intuição criadora [...] como um trazer junto a [*Beibringen*] da constituição de ser do ente [*Seinsverfassung des Seienden*], isto quer dizer, uma possível síntese ontológica? [p.90]

(Cf. Carta a Herz! 1772)

Analítica = “Deixar ver a gênese da essência da razão pura finita, que provém do seu próprio fundamento” (38)

Pergunta fundamental: “Como pode a finitude humana do *Dasein*, por princípio, exceder (transcender) o ente, qual ente não somente tem produzido isto por si próprio, e até mesmo sobre o que ele pode existir, segundo ele próprio, como *Dasein*, sendo dependente (*Angewiesen ist*)?” (39)

“O problema da possibilidade da ontologia é então a pergunta sobre a essência e sobre a essência fundamental da transcendência da compreensão prévia de Ser”

Intuição pura; como (*quasi*)-criadora

Espaço como “intuição dada” p.40, como “representação originária” [*ursprünglich Vorstellen*].

“cognição pura [*reines Erkennen*] é intuição pura através de conceitos puros”.(47)

Os conceitos puros não como refletidos, mas como conceitos reflexionantes.(49)

“A finitude do conhecimento manifesta justamente uma dependência interna singular do pensamento sobre a intuição, pelo contrário, uma determinação de indigência [*Bedürftigkeit*] deste através daquela” (53)

“A essência finita precisa desta faculdade fundamental [*Grundvermögens*] para deixar-se opor à [*entgegenstehenzulassenden*] doação [*Zuwendung*]”

Kant coloca a pergunta decisiva e, na verdade, a coloca em primeiro lugar – o que se entende então por sob um Objeto do conhecimento. - (67)

O deixar-se contrapor a [*Gegenstehenlassen von*]... é, portanto, o conceito originário [*Urbegriff*] e, por conseguinte, o ato originário [*Urhandlung*] do entendimento. Mas Kant, a partir disso, não olvidou da finitude do entendimento? Se, justamente agora, o entendimento possibilita o deixar-se contrapor a – ele não se torna com isso a faculdade suprema [*oberstes Vermögen*] –, não se transforma o Servo [*Knecht*] em um Senhor [*Herrn*]?(69)

Resposta: “O entendimento é de fato a faculdade suprema – na finitude, *i.e.* ele é o mais elevado finito; porém, sendo assim, necessita-se trazer à luz sua dependência da intuição (=Tempo) no mais profundo deixar-se contrapor a” (70)

[p.91] A questão sobre a possibilidade da experiência também não significa outra coisa que “Experiência quer dizer finito, conhecimento intuitivo-receptivo [*anschauendhinnehmende*] do ente” (110) (mas aqui evidencia-se justamente a outra ênfase [*Accent*] da finitude segundo Kant – meu campo é o frutífero *Bhotos* [n.t. do grego “profundidade”] da experiência [-] o mero capricho: a interioridade da coisa; totalmente irracional, etc. “Possibilidade da experiência significa o mesmo que Transcendência” Heidegger 111.

Através do caráter “criador”, não se rompe com a finitude da transcendência, pois permanece sempre subsistente a diferença para com o “*intuitus originarius*” cf. 114 [-] sempre apenas ontológico e nunca conhecimento ôntico-criador.

Isso não extravasa a finitude, pelo contrário, o “sujeito” finito imerge justamente na sua própria finitude!

“Kant deseja, no entanto, que o orgulhoso nome de uma ontologia seja substituído, com todo direito, por aquele de uma filosofia transcendental, conquanto que o título de Ontologia seja legado ao sentido da Metafísica.” (118)

A razão humana, por conta disso, não segue ... “a finitude para ser extinguida [*auszulöschen*], mas, sim, pelo contrário, esta finitude dever ser justamente consciente, a fim de que ela não (n.t. a razão humana) se detenha nesta (n.t. finitude). A finitude simplesmente não sustenta a razão humana, pelo contrário, sua finitude é perecível [*Verendlichkeit*], i.e. “Cuidado” [*Sorge*] com o poder-ser-finito [*Endliche-Sein-Können*].” (207)

“A fundamentação da metafísica baseia-se na pergunta pela finitude no homem – então, na verdade, só agora esta finitude por tornar-se um problema” (208).

“A relação essencial entre o ser como tal (não como ente) e a finitude no homem precisa ser alçada à luz” (212).

A questão-do-ser [*Seinsfrage*] como questão sobre a possibilidade do conceito de Ser em geral possui uma relação essencial para com a finitude no homem. (215)

[p.92] “A essência da compreensão do ser em geral” (216)

“Mais originário que o homem é a finitude do *Dasein*” (219)

Recuo (Finitude)

“Kant recuou perante a raiz desconhecida”

- Pelo contrário: ele elevou-se sobre isso [-] já a explicação filológica 153 (Diferença entre a primeira e a segunda edição!), isto não é conclusivo aqui. Kant fez a exposição da imaginação, a princípio, de modo suficiente – pois ele manteve o capítulo do esquematismo! E isso põe descoberto [*aufdeck*] então o positivo conteúdo fundamental da imaginação transcendental.

Cf. 154 O próprio Heidegger.

Vide igualmente as considerações 154pp.

159pp. O motivo que Heidegger conduz para este “recuo” não é igualmente decisivo – não se trata, para Kant, de manter o primado da *>ratio<*, de manter por direito o primado da lógica. Na lógica, este primado não é mais da lógica formal, mas, sim, interesse da lógica transcendental. – E, para esta “ratio”, ele observa muito claramente a fronteira – ele tem esse entendimento de que a antiga metafísica, aquela do racionalismo dogmático, subjugou a Crítica –, ele demonstrou, como só ele podia realizar, o que se restringe, simultaneamente, através do esquematismo, bem como através da imaginação transcendental. Contra uma tal restrição da

lógica, Kant certamente não se opôs. Ele se defende contra a restrição da ideia da Liberdade da Razão. A lei moral, isso ele afirma reiteradamente – Não vale para todos os homens, mas, sim, para os entes racionais em geral! Aqui se rompe a fronteira definitiva da mera-antropologia. Uma fundamentação antropológica da moralidade traria [p.93] consigo este conteúdo próprio, assim como sua generalidade e necessidade!

Não é correto que Kant tenha se assustado com a imaginação pura – ela não o assusta em seu significado teórico –, ele vê a finitude – a limitação sobre o “fenômeno” [*Erscheinung*] –, mas ele não teve medo: Pois a interioridade é, pura e simplesmente, um “mero capricho”.

Na esfera prática, porém, ele vê a Razão=Ideia da Liberdade elevar-se sobre a finitude. Heidegger observou isso muito corretamente (160), mas, em seu posicionamento, ele observa apenas uma evasão [*Ausweichen*], um recuo [*Zurückschrecken*] – e também uma separação constrangedora [*Verlegenheit Lösung*] –, mas isso é efetivo? Ou isso não é, antes de tudo, a busca pelo sentido mais profundo e positivo da doutrina da Liberdade de Kant e de seu “Idealismo da Liberdade”?

Kant não se decidiu “pela Razão Pura contra a imaginação pura a fim de salvar o domínio da Razão” (161), ele não precisa de tal salvação *à tout prix* (n.t. *a todo custo*).

Para a fundamentação da metafísica, segundo Heidegger, está mantida firmemente a específica finitude da natureza humana! (162) Todavia, não exatamente para a fundamentação da metafísica kantiana como fundamentação de uma metafísica da liberdade!

205: O verdadeiro resultado, “diante do qual Kant recua, é a descoberta da subjetividade do sujeito segundo um fundamento que é colocado por ele próprio”

[p.94] 209: Mas Kant não preparou primeiramente o solo “para escavar por si próprio” [*Unter sich Weggraben*].

Somente então permanece a pergunta: Este cavar por si mesmo o solo da finitude tornou-o realmente descrente [*untreu*]? Ele recuou amedrontado? Ou isso significa “escavar por si próprio” algo eminentemente positivo?

Um aprofundamento do fundamento da finitude na Liberdade?²

2 Liberdade? Liberdade, (...): Kant, em torno disso, em verdade não “pensou nos queridos anjinhos”, como Schopenhauer, tripudiando, o censurou [cf. Arthur Schopenhauer “*Preisschrift über die Grundlage der Moral*”. In: *Sämtliche Werke*, Bd. 3, [1892], S.512] – pelo contrário, ele também fala aqui como Crítico e Metódico, para quem possui interesse acerca disso, pois as fronteiras da ciência não se deixam “transpor umas pelas outras” [*ineinanderlaufen*], pelos quais querem separar, de modo agudo e por princípio, entre a tarefa da ética e aquela da antropologia. Cf. aqui, compara acima de tudo com Cohen, “*Kants Begründung der Ethik*”, Berlin 1877, S. 123ff. Esta linha de demarcação foi dada para ele através do contraste [*Gegensatz*] do “fenômeno” [*Erscheinung*] com a “coisa em si” [*ding an sich*], entre tempo e liberdade. Foi bem apropriado que Heidegger tenha substituído, contra Kant, sua própria concepção da “ontologia fundamental” como uma doutrina do homem, para expor um enfrentamento [*gegenüberzustellen*] com o kantismo, fato que ninguém colocará em discussão; mas ele não deveria tentar introjetá-las [*hineinzulegen*] em Kant, principalmente na ética kantiana. Aqui, segundo me parece, ele levou longe demais aquela máxima, segundo a qual contra um autor filosófico que se deseja interpretar deve-se necessariamente se utilizar da violência [*Gewalt*]. [*“Kant und das Problem der Metaphysic. Bemerkungen zu Martin Heideggers Kant-Interpretation”*. In: *Kant-Studien* 16 (1931), S.16-17 (ECW 17, S.238-239)]. A censura não foi desfeita.

Metafísica e Antropologia:

196[.] “A fundamentação kantiana tem por resultado: O fundamento da metafísica é uma pergunta sobre o homem, isto é, Antropologia.” Porém, a resposta de Kant é exatamente: A pergunta metafísica sobre o homem não está separada através da Antropologia – pois a antropologia só possui relação com a natureza sensível e finita do homem – e não com sua natureza inteligível. Do ser inteligível do homem tratam a Ética e a Estética [.] “do substrato suprassensível da humanidade” – mas não a Antropologia! [p.95]

O problema da metafísica como aquele de uma ontologia fundamental “Ontologia fundamental significa aquela analítica ontológica da essência humana finita, à qual pertence o fundamento para a “natureza do homem”, a qual a Metafísica deve preparar – [...] Ontologia fundamental = Metafísica do *Dasein* humano [...] O que é o homem? [...] A ideia da ontologia fundamental deve se afirmar e se apresentar [*darstellen*] em uma interpretação da C.R.P. como uma fundamentação da metafísica” (p.1)

[“] A fundamentação kantiana tem por resultado: O fundamento da metafísica é uma pergunta pelo ser humano [,] i. e. Antropologia[”] (196 pp.)

O que é o homem? Acerca disso seguem as outras três perguntar cf. 198.

[“] Se obtém, então, com a ideia de uma filosofia antropológica, aquela disciplina sobre a qual se deve concentrar a totalidade da filosofia? [”] (200) Porém, [“] não é também igualmente imperativo combater [*bekämpfen*] o antropologismo na filosofia” (202)

“A resposta não é válida para a busca sobre a pergunta sobre o que seja o homem, mas, sim, antes de tudo, ela vale então para questionar acerca de como uma fundamentação da metafísica em geral sobre o ser humano singular pode e deve ser interrogada”. (205)

221: A metafísica do *Dasein* é aquela sobre a qual se assume a necessária questão acerca do que o homem é para uma fundamentação da Metafísica.

222: Ideia de uma ontologia fundamental – [“] No conteúdo deste título inclui-se o problema da finitude no homem, no intuito de uma possibilitação [*ermöglichung*] da compreensão de ser como a conclusão decisiva.”

Reminiscência-novamente cf. 224

A aposta [*Einsatz*] e a engrenagem [*Gang*] da Ontologia-Fundamental. (224) [p.96]

“Metafísica” e “Teoria do Conhecimento”

Antagonismo [*Gegensatz*] dos direcionamentos que especificamente evidenciam - Aqui o extremo mais desolador -, quando se fundamenta o discurso de Riehl em Friburgo, “acerca da filosofia científica e não-científica”; A filosofia enquanto filosofia científica é “teoria do conhecimento”, todo o restante é sobretudo abandonado ao mero “sentimento” [*Gefühl*] . Hoje se advoga um ponto de vista semelhante, p. ex., o de Schlick e da “Escola de Viena”, o qual ainda mantém o “positivismo” totalmente próximo.

A reação segundo Heidegger – A metafísica como doutrina do homem – como pergunta pelo sentido [*Sinnfrage*] perante a existência humana. Uma recusa abrupta de toda mera teoria do conhecimento, vide sua declaração, p.11: “A ontologia primária [*primär*] não se relaciona, de modo algum, com a fundamentação da ciência positiva” p.16

Segundo isso, Cohen – “Somente um newtoniano como Kant podia insurgir-se.” “A

ciência, a qual existe nos livros impressos.” Introdução demasiadamente longa!

Qual é a posição própria de Kant neste antagonismo? Separação do conceito acadêmico [*Schulbegriff*] e do conceito de Mundo – e então, pertencem ambos ao desenvolvimento de Kant e, em seu sistema, são conjuntamente insolúveis [*unlöslich*] – Desenvolvimento de Kant:

“História geral da natureza e teoria do céu”

“Sonhos de um Visionário”

Informação sobre a organização de suas conferências – distintamente o posicionamento do problema Antropológico.

“the proper study of mankind is man” [n.t. “O genuíno estudo da humanidade é o homem”]

Eu conheço o homem. (Rousseau)

Informação acerca da organização de suas conferências “...rudimentares [*rohen*] e simplesmente assinaladas.”

Quando se qualifica estas questões acerca do ser e acerca da determinação do homem, como “Metafísica” - Então Kant foi certamente, desde o princípio, um metafísico e sempre permaneceu metafísico. Mas, apesar disso, ele é o crítico do conhecimento, o teórico do conhecimento natural matemático, o “newtoniano” - [,] somente um newtoniano como Kant poderia insurgir-se (Cohen).

Como conjugar ambos? Para Kant isso é muito simples e, ainda mais, de uma maneira absolutamente não problemática - a “essência” do homem não é determinada, justamente, através da “reflexão” psicológica, mas, sim, “transcendental”, i.e. [p.97] desde o espírito objetivo. Aqui as três grandes configurações [*Gestaltungen*] Liberdade, Natureza = conhecimento objetivo natural, Arte. Ele lê a essência do homem a partir da lei moral (Autonomia). A lei do entendimento [*Verstandes Gesetz*]. “É intelectual, aquilo (aquilo) cujo conceito é um ato [*Tum*].”(242) A arte, como a arte do gênio (*Heautonomie*, *Crítica da faculdade de julgar*).

O homem é para ele a essência, sobre a qual a autolegislação é capaz de legislar sobre o domínio moral, sobre o teórico, sobre o estético (*Capere formae*[n.t. *formas de captura*]). As quais, então, se reúnem nele, “o conceito acadêmico” [*Schulbegriff*] e o “conceito de mundo”, a metafísica e a teoria do conhecimento já desde o primeiro princípio [-] como newtoniano, ele revela o mundo moral!

A história geral da natureza e a teoria do céu – fornecem conceitos não desenvolvidos [*unausgewickelte*] – “o céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim...”

Conceito de Mundo – Conceito Acadêmico [-] o último não é suficiente – Indica o Ideal, porém, “A ciência [...] o estreito portão”, etc.

Ambos os polos não podem ser separados um do outro, sem que com isso se rompam a unidade do sistema kantiano e aquela individualidade kantiana!

Metaphysica specialis (= doutrina do homem) é, para Kant, a “Metafísica em seu propósito final” (“Os progressos da metafísica desde Leibniz e Wolff”) (Cassirer: *Kantausgabe* Bd. 8, p.238) = Heidegger p.8

Limitação do papel da ciência natural matemática sobre o “anúncio” (Heidegger p.10!), por consequência, muito escasso - a ciência natural matemática é simultaneamente >*Analogon*< [n.t. *análoga*] “ao orgulho da razão humana”, que se coloca primeiramente como uma “faculdade” - comprovada através do *Faktum* [n.t. *fato*] de que o conhecimento é possível para a razão pura. Heidegger invoca a palavra de Kant, a C.R.P. contém a “metafísica da metafísica” (Cassirer: *Kantausgabe* Bd.IX, 198) p.220ss., a fim de que se conclua disso que estas palavras na C.R.P.

também procuram provar [*Versucht*], apenas parcialmente, uma “teoria do conhecimento, que se precipita definitivamente: mas tal palavra não diz basicamente outra coisa, senão que a *Crítica da Razão Pura metafísica* contém o princípio fundamental [*Anfangsgründe*] da – Metafísica. [p.98] A pergunta pela metafísica como modo de conhecimento [*Erkenntnisart*] – esta é justamente a pergunta fundamental. (221)

“Para uma fundamentação da metafísica a pergunta necessária, o que é o homem, assume a metafísica do *Dasein*” (221)

Método

192f. A interpretação não pode unicamente restituir [*wiedergeben*] o que o próprio Kant disse – mas, sim, o que ele não mais desejaria dizer.

192f. comparar com Exposição contra Eberhard (193)

Por isso é necessário poder 192

Repetição [*Wiederholung*] - “A fundamentação da metafísica em uma repetição” 195ff.

Não se deve “fazer a pergunta, acerca do que Kant diz, mas, sim, a seguinte (pergunta), o que aconteceu em sua fundamentação”

Representação:

“O parentesco, a origem do mesmo gênero (*genus*) , manifesta-se a partir disso, que para intuição e pensar, para ambos, a “representação em geral”(*repraesentatio*) é a espécie [*Gattung*]”! A320, B376, Heidegger 20: “A representação tem aqui os seguintes sentidos formais, através do que um outro se mostra [*anzeigt*], anuncia [*meldet*], apresenta [*Darstellt*]”.

“Representação” em geral como Tempo – o Tempo apenas é um caso especial da representação cf. abaixo, Tempo! E 190 –

Disto também resulta onde Kant deseja demonstrar que a realidade objetiva da categoria necessita da intuição , não somente para o tempo, mas, sim, refere-se sempre para o espaço, como a forma externa da intuição. – Sim, exatamente esta referência é o artifício [*Kunststück*] de seu idealismo, através do qual ele certamente o coloca (o espaço) diante do equívoco com o idealismo psicológico! Vide aqui C.R.P. B291(citado pelo próprio Heidegger, p.191)

Síntese da reconhecimento

O momento distintivo – não somente o caráter-do-tempo – revela-se aqui o conceito do supratemporal – o conceito da ideia [p.99] no sentido platônico como *δεῖ ὄν*. O tempo está dissolvido [*Auflösen*] aqui no mais alto grau, em pura eternidade [*Ewigkeit*] – na matemática não há nenhum “agora”, ele é um *>nunc stans<* (n.t. *sempre agora*). Acerca deste fundamento já falava Galileu, que no modo de conhecimento geométrico não existe nenhuma diferença entre o intelecto [*Intellekt*] humano e divino; o antropologismo tem aqui o seu limite (Husserl!!).

O destacado caráter desta eternidade *a priori* significa mais do que para todo o tempo! Isto significa algo do tempo = da experiência independente [*Unabhängiges*] – nós só podemos sentir [*entfindung*] no tempo – e apenas nele intuir e pensar – quando nós tomamos a intuição e o pensar como processos psíquicos – mas “no” pensar nós atingimos um supratemporal, cf. Heidegger 175ff.

Kant: “A palavra conceito já poderia nos conduzir além” – Na síntese da reconhecimento nós abandonamos a ação à simples esfera do tempo – nos elevamos a uma pura esfera-conceitual – segundo a universalidade e necessidade como supratemporalidade.

Cf. Leibniz – Locke

Diferentes formas da Infinitude.

“la même raison subsiste toujours” [n.t. “a própria razão subsiste sempre”]

Razão e Tempo – cf. 175

O tempo para a sentença da antinomia excluída cf. 175

Hegel “essencialmente é” aquele da *Parusie* [n.t. *presença*] da ideia (Platão)

Nesta análise total da “aplicação-temporal” [“*zeitabgewandten*”] de Kant, chegase à revelação de que ela, primariamente, provém do futuro? Mas o conceito não é simplesmente “futuro” - “la même raison subsiste toujours” [n.t. “a própria razão subsiste sempre”].

A razão pura sensível finita Heidegger 179,188.

Este conceito de uma razão pura sensível finita é, apesar de tudo que é dito por Heidegger, resolutamente não kantiana! No interior da filosofia de Kant um tal conceito é um ferro de madeira.

Faculdade de julgar [*Urteilkraft*]

Eliminado por Heidegger (cf. p. 153!)

Intellectus archetypus

O entendimento humano sob a necessária ligação do conceito e da intuição – nisto situa-se a sua particularidade cf. “Os progressos da metafísica desde Leibniz e Wolff”; Heidegger 163.

(Relação entre Razão, Liberdade)

A razão não é reconduzível [*zurückführbar*] sob ela (n.t. liberdade) –

Assim, também em nada se modifica a doutrina de Kant do respeito como “sentimento” (cf. p.148ss.). Ao contrário, todo este segmento da mola de impulso [*Triebfedern*] não se situa como motivo da lei moral com tal, não está sobre a ideia de Moralidade (=Liberdade, Imperativo Categórico), mas, sim, unicamente sobre sua aplicabilidade. –Na essência humana finita representa-se [*darstellen sich*] esta ideia como Sentimento de Respeito –mas “em si” ela (esta ideia) é inteiramente superior a esta representação [*Darstellung*].(Cf. Cohen – “*Achtung als Problem der “Anwendung”.*” – como o próprio Heidegger sublinha 150). [p.101]

Na moral sucede-se de fato o milagre [*das wunder*] que nos alça sobre a mera finitude

[;] aqui, nós nunca somos meras criaturas, nós somos igualmente criadores. Teoricamente nós somos limitados – O Objeto [Gegenstand] se “opõe” a nós [steht uns “entgegen”], nos limita, nos determina (“coação” da causalidade). No domínio da Liberdade, porém, nós não somos simplesmente submetidos à lei – nós somos igualmente legisladores – nós somos súditos e senhores em uma só pessoa. Isso separa o >regnum gratiae< [n.t. reino da graça] do >regnum naturae< [n.t. reino natural].

Sobre o sentimento de respeito cf. 151

Razão e Tempo

Heidegger defende que a eternidade como *nunc stans* [n.t. sempre agora] seja usada somente para a temporalidade compreensível [Zeitlichkeit Verständliche] (230); porém, esta é a questão!

Aqui se situa a *petitio principii* [n.t. petição de princípio] para

Tò tí en einai não significa também: o que sempre foi no sentido do >Imperfectums< , mas, sim, no sentido da (Forma) perfeição [Vollendung]!

O próprio Heidegger cita: (175) “A razão pura como uma mera faculdade inteligível é a forma temporal [Zeitform] que, portanto, não se submete às condições da ordem cronológica”! Do mesmo modo, para a forma do pensar (princípio de contradição) o caráter temporal deve ser extinto. (Cf.175)

Cf. C.R.P. B430, a razão prática é espontaneidade pura e ela não está limitada por condições empíricas.

Ideia, Idealismo (Razão)

Schiller: “Se queres planar livre sobre vossas asas”. Heidegger, pelo contrário, quer nos reconduzir ao finito, na angústia mundana [Irdischen] e na “morte” – pergunta dos estudantes em Davos – Estilo [-] [p.102]. “o quarto iluminado” contra a obscuridade do estilo de Heidegger-citado! p.112 e p.67.

Eu preciso confessar – parece-me que é como se eu devesse regressar à caverna platônica – agrilhado na garganta e nas pernas – nas sombras – mas não esqueçamos: um motivo kantiano é raramente designado. Assim Platão perdeu o Mundo dos sentidos - de volta ao mundo dos sentidos, para a finitude, para um frutífero *Bathos* da experiência – a ideia precisa esquematizar-se e restringir-se [.]. Porém, por outro lado, a “ideia” é algo assim, a qual nenhuma experiência pode ser congruente? Com a *Dialética Transcendental* novamente inicia-se, para Kant, a visão [durchblick] e a perspectiva [ausblick] sobre o mundo “noumenal” – E na integralidade da *Crítica da Razão Prática* e na *Crítica da Faculdade de Julgar* planamos livremente sobre as asas da ideia – lançamos para fora de nós a angústia mundana.

Nem o esquematismo, nem a intuição.

>capere infinite< [n.t. capturar o infinito]

Liberdade = (Razão)

Liberdade não vinculada-ao-tempo [Zeitgebunden], vide *Crítica da Razão Prática*.

Como último “fundamento” – também a Imaginação.

Idealismo da Liberdade.

Segundo Heidegger 133, no homem, enquanto essência finita, sua natureza metafísica é simultaneamente a mais desconhecida e a mais efetiva. – Em que sentido ela é “desconhecida”? No sentido de que a liberdade é inconcebível [*Unbegreiflich* n.t. não conceitualizável]: mas nós, em verdade, não a concebemos [*Begreifen* n.t. conceitualizamos], porém: conclusão da “*Metafísica dos Costumes*” – mas então a liberdade é a mais conhecida e a mais acessível.

Nós não precisamos de ambas – etc.

[p.103] Ela (a liberdade) é algo não conceitualizável, mas consciência [*Gewisses*] imediata – apenas esta *consciencialidade* [*Gewissheit*] não pode ser esquematizada (Objetivada!)

A Liberdade é “incondicionada”, a mera coisa = contraposição [*Entgegen*] nunca se encontra situada, nunca pode ser realizada!

Razão

[É completamente equivocada a alegação (147) de que a Razão, por conta disso, não seja livre, porque ela tem o caráter da espontaneidade, “mas, sim, porque esta espontaneidade é uma espontaneidade receptiva pura, i.e., é imaginação transcendental.” Onde Kant afirmou algo semelhante? Onde ele determinou a razão como imaginação transcendental – e que ela, com isso, tenha “atribuído a esfera da finitude aos fenômenos”? A razão é justamente a faculdade da Ideia e, por isso, a faculdade da infinitude; é aqui que ela nos redireciona [*hinausführt*] por sobre o (fenomênico) mundo das coisas para o mundo do puro noumeno. – A “infinitude” apenas pode ser, embora não ela própria, novamente con-cretizada [*ver-dinglicht*] - pois isso seria chamado de cofinito [*ver-endlich*] – não há nenhum mundo de “substâncias”, mas, sim, de “Pessoas” e “Propósitos” [*Zwecken*].

Doutrina das ideias da “Razão”

Heidegger não apenas tenta ligar a “intuição” e o “entendimento” na imaginação (o que é acertado e corresponde, em todo caso, à tendência de Kant) (vide abaixo, Imaginação), porém, também às ideias. A ideia também permanece para ele essencialmente “finita”. A “ideia” como a representação de uma regra só pode representar ao modo de uma aceitação [*Hinnehmendens*]. (146) Com isso, torna-se desconhecida a peculiaridade [*Eigentünlich*] da “transcendência” da ideia. A ideia ultrapassa a experiência possível em um outro sentido do que aquele do entendimento e da intuição, o qual também permanece em sua espontaneidade *a priorística* para sobre os fenômenos [*Erscheinungen*] e que não tem outra finalidade senão a possibilidade do objeto da experiência.

Liberdade: “O entendimento e a razão não são por isso livres porque ela (a liberdade) tem o caráter da espontaneidade, mas, sim, porque esta espontaneidade é uma espontaneidade receptiva pura, i.e., imaginação transcendental” (147) [p.104] Isto vale para o entendimento, mas não para a razão[.] A razão, enquanto razão teórica, ultrapassa o reino dos fenômenos [*Erscheinungen*], portanto, do esquematismo. À ideia não corresponde nenhum esquema, mas, sim, um símbolo [*Symbol*], pois ela não se deixa caracterizar e, para ela, nenhum objeto [*Gegenstand*] “congruente” pode ser dado, mas, sim, unicamente simbolizado [*symbolisieren*] - A ideia como >focus imaginarius< .

Isso vale mais ainda para a Razão Prática.

Típica [*Typik*] da razão prática pura.

Esquematizar conduz à Mística – Figurativamente [*Bildhaftem*]

Tu não deves fazer nenhuma imagem [*Bildnis*] de ti.

Ideia-de-Deus! *Crítica da faculdade de Julgar*.

Cf. “*Kant vida e Doutrina*”

Muito particularmente, porém, ideia-da-Liberdade.

Nós não “conceitualizamos” [*Begreifen*] a liberdade, quando conceitualizar significa esquematizar. A partir daí, também podem ser definitivamente retirados os grilhões da finitude. – a liberdade não está mais vinculada ao “humano”. Isto ainda vale, em certo sentido, para as formas da intuição do espaço e do tempo – “ao menos para nós humanos” – Vide a menção nos “*Progressos da Metafísica*” 163, toda liberdade para todos entes racionais em geral (cf. Cohen, “*Kants begründung der Ethik*”). A razão enquanto teórica e prática não é pura receptividade espontânea, i.e., imaginação transcendental – porém, ela é espontaneidade produtiva.

Também o recurso ao “sentimento de respeito” (Heidegger 150ss) não é frutífero aqui: pois o sentimento de respeito não constitui, de modo algum, a lei moral – este, enquanto lei autônoma da razão, não pode, no limite, estar baseado em nenhum sentimento, todavia, este sentimento é apenas o modo segundo o qual a validade da lei moral é representada psicologicamente para nós, a qual, enquanto tal, é absoluta; por conta disso, Cohen, “*Kants begründung der Ethik*”.

[p. 105]

Tempo

Como intuição pura universal – primazia do tempo perante o espaço cf. 44s.

“O próprio encontro já está previamente conservado [*Umgriffen*], através do qual a intuição pura é mantida [*vorgehaltenen*] no Horizonte do Tempo.” (71)]

O tempo é a intuição pura receptiva dada universalmente – a imaginação pura precisa então, de certo modo, relacionar-se com ele (com o tempo).

“A pura imagem [*Bild*] de todos os objetos do sentido em geral é o tempo.” Apresentação, vide p.100s.

A >transcendência< é (para o homem) “sensível *a priori*” porque ela é fundada no Tempo. (164), cf. 165ss.

“A imagem da imaginação [*Bilden der Einbildung*] é em si relacionada ao tempo” (167).

O caráter-temporal interno da Imaginação Transcendental. (167)

Nisto situa-se a última e decisiva prova para isso, “Que na interpretação da imaginação transcendental, esta seja, necessariamente, a raiz de ambos os troncos”

Apreensão “A síntese da apreensão pura forma [*Bildet*] primeiramente, de modo semelhante, o agora e o que se segue.” (171)

O *δεῖ ὄν*, não é = em todo futuro, o ente!

Recognecer [*Rekognescere*] = investigação previamente [*voraus erkunden*], através do visar [*hindurchspähend*]. (177)

A síntese pura mostra-se [*zeigtg sich*] primeiramente a partir do Futuro (171)

O tempo como “autoafecção pura”, pois a ele pertence a possibilidade interna do “deixar opor-se a.” [*Gegenstehenlassens von*] (181)

[p.106]

“Somente o fundamento desta individualidade [*Selbstheit*] pode ser a essência finita, aquilo que ela precisa ser: dependência da receptibilidade” [*Hinnahme*].

O tempo e o “eu penso” são o mesmo – mas Kant não observou isto expressamente. (183)

Porém, a forma [*Form*] permanece enquanto tal, não apenas como forma-temporal [*Zeitform*] cf. p.184, ela inclui amplamente – a constância [*Beständigkeit*], não somente de modo temporal, mas, sim, como “Configuração” [*Gestalt*] (Ideia) para o entendimento em geral.

A imaginação transcendental como a “imagem unitária-tripartite originária [*ursprüngliche drei-fach-einigende Bilden*] do futuro, passado e presente em geral, possibilita a tripla síntese – e até mesmo a unificação dos três elementos do conhecimento ontológico, em cuja unidade se forma a Transcendência” (187)